

## CRIAÇÃO DE SINAIS-TERMO NAS ÁREAS DE ESPECIALIDADES DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – LSB

Creation of term-signs in the areas of specialty on the Brazilian Sign Language – LSB

**Daniela Prometi<sup>1</sup>**  
**Messias Ramos Costa<sup>2</sup>**

### RESUMO

Nosso artigo tem como objetivo apresentar a criação de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira – LSB – dentro do contexto acadêmico na área de especialidade. A pesquisa sobre este tema está em desenvolvimento no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro LexTerm – e no LabLibras – Laboratório de Linguística da Língua de Sinais Brasileira da Universidade de Brasília – UnB. Como pressuposto, defendemos que a criação de um sinal-termo resulta de etapas referentes à elaboração das regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas na gramática da LSB. O objetivo

### ABSTRACT

Our article aims to present the creation of term-signs in the Brazilian Sign Language (LSB) within the academic context in the area of specialty. Research on this topic is under development at the Center for Lexical and Terminological Studies – LexTerm Center – and at LabLibras – Laboratory of Linguistics of the Brazilian Sign Language of the University of Brasília – UnB. As assumption, we defend that the creation of a signal-term

<sup>1</sup> Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil; danielaprometi@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil; messias.lsb@gmail.com.

deste artigo é apresentar o processo de elaboração de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira – LSB. Para tanto, o foco é na compreensão do conceito do sinal-termo. Deste modo, a criação dos sinais se inicia no pensamento cognitivo que os processa e os constrói. Nesta exposição, demonstramos como se dá o processo de criação conceitual de sinais-termo, bem como apresentamos alguns exemplos de sinais-termo nas áreas acadêmicas escolhidas.

results from stages concerning the elaboration of the phonological, morphological, syntactic and semantic rules in the LSB grammar. The purpose of this article is to present the process of elaboration of term-signs in the Brazilian Sign Language (LSB). For that, the focus is on understanding the concept of the signal-term. In this way, the creation of the signs begins from the cognitive thought that processes and constructs them. In this exhibition, we demonstrate how the conceptual creation process of term-signs occurs, as well as present some examples of term-signs in the academic areas chosen.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

LSB; Sinais-termo; Áreas de especialidades; Contexto acadêmico.

#### **KEYWORDS**

LSB; Term-signs; Areas of expertise; Academic context.

## **Introdução**

A criação de sinais-termo está presente na Lexicologia, na Terminologia e, principalmente, na Linguística das Línguas de Sinais. Sabemos que “as terminologias técnica e científica exigem um tratamento diferenciado numa e noutra língua, no que se refere à gênese de sinais terminológicos” (FAULSTICH, 2016). Por isso, no âmbito das pesquisas linguísticas, as línguas de sinais são compreendidas por seu caráter singular, dada a modalidade que apresenta, isto é, de ser uma língua visual e espacial.

A LSB é a língua natural utilizada por pessoas pertencentes à comunidade surda do Brasil, mas nem sempre foi assim. Durante um longo período registrado na história nacional, as Línguas de Sinais (LS) eram presumidas por grande parte da sociedade como simples mímicas e gestos soltos. Porém, com

o passar do tempo, elas têm sido mais bem compreendidas, aceitas e respeitadas quanto à sua individualidade, isto é, como uma língua visuoespacial cuja comunicação permite aos falantes de língua de sinais a compreensão do que se pensa tal qual ocorre na modalidade oral-auditiva. Vale ressaltar que esta última, no caso do Brasil, o português, é para o Surdo sua segunda língua. Ademais, apesar de os conceitos utilizados em LSB advirem da língua majoritária – português (L2) –, é por meio da criação dos sinais-termo que os conceitos de mundo e das coisas existentes nele podem ser apreendidos e retransmitidos.

O que diferencia as Línguas de Sinais das línguas orais é a sua modalidade visuoespacial. Em outras palavras, os olhos captam o que está sendo produzido no espaço pelas mãos, pelo movimento do corpo e pela expressão facial do emissor e, assim, inicia-se a significação, a compreensão do sinal.

Nosso questionamento, no entanto, diz respeito à forma de se captar e compreender o significado de determinados conceitos advindos do português, bem como ao modo adequado de se transpor estas definições para a base de formação complexa e abstrata das LS. Afinal, como os Surdos percebem o sinal-termo na área de especialidade? Como esses sinais-termo são elaborados? Há alguma forma de se criar sinais-termo que não sejam derivados de objetos concretos? Como é feita a criação de um sinal-termo, ou seja, a concepção de um léxico especializado dentro do contexto acadêmico?

Este trabalho é fruto do desejo de estudar a elaboração de sinais-termo, de modo a compreender como os Surdos percebem os conceitos e os usam como base no processo de criação de sinais. Para tanto, temos desenvolvido pesquisas no âmbito da Terminologia Linguística das Línguas de Sinais a partir do conceito do termo em português, a fim de se verificar a importância deste no processo de criação de sinais-termo em LSB.

Analisaremos neste artigo os sinais-termo das áreas específicas em contexto acadêmico, como nas de Música, Nutrição, Gastronomia, Ciências, Medicina e História. Os exemplos são provenientes de pesquisas desenvolvidas no Centro Lexterm – Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – e no LabLibras – Laboratório de Linguística da Língua de Sinais Brasileira da Universidade de Brasília – da UnB. O desafio é grande, mas necessário, para tentar entender o processo de formação do sinal-termo na área de especialidade.

Nas LS, as referências conceituais são percebidas por meio de imagens. Contudo, é preciso entender que não é a imagem física dos objetos e ambientes, dentre outros, que vai servir de base para a criação do sinal-termo, mas sim a imagem mental do seu conceito – que, muitas vezes, pode não ser físico – no mundo, na língua e na mente dos Surdos. Em outras palavras, não se pode limitar a criação, a formação e a conceituação dos sinais apenas à forma ou à representação visual do sinal. É preciso analisar também a construção mental do signo, visto que as LS são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas com base na construção mental que os Surdos têm do mundo (CASTRO JÚNIOR, 2011).

Com o passar dos anos, a LSB tem se aperfeiçoado e agregado as mudanças ocorridas ao longo dos tempos. Hoje em dia, as pesquisas terminológicas da LSB estão cada vez mais aprofundadas, uma vez que o léxico já é registrado e faz parte do uso comum da comunidade surda. No entanto, em âmbitos particulares, os sinais-termo precisam ser criados mediante conhecimento técnico e científico dentro das áreas de especialidade, caso ainda não existam. Dada a carência dos sinais-termo nas áreas de especialidade, os Surdos precisam entender significados específicos não padronizados em diferentes contextos.

Para melhor organizar o encadeamento de ideias, este artigo é constituído pelos seguintes elementos: breve discussão sobre a diferença entre sinal e sinal-termo da Língua de Sinais Brasileira; exposição de regras que compõem a criação do sinal-termo; descrição do processo de formação de sinais-termo dentro do contexto acadêmico e, por fim, a conclusão.

## **1. Diferença de sinal e sinal-termo da LSB**

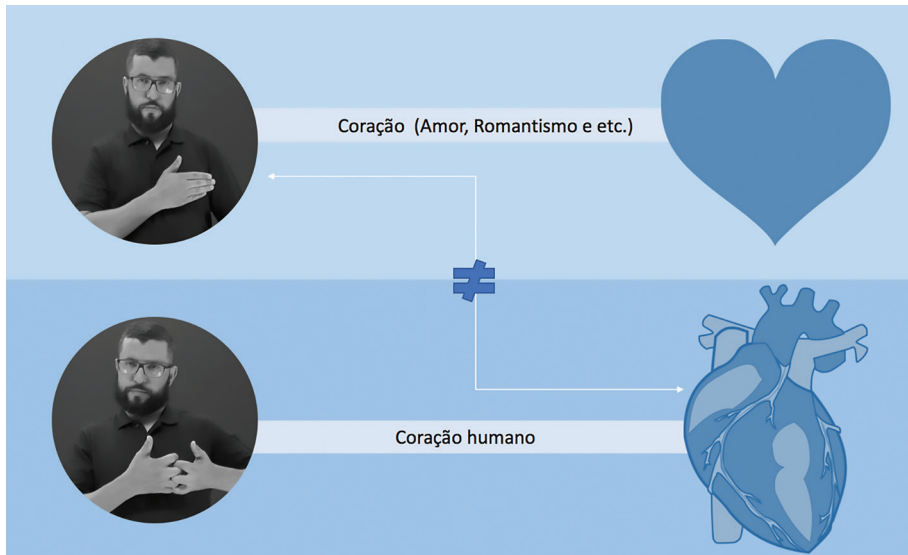
O conceito de sinal-termo na Língua de Sinais Brasileira, bem como seus desdobramentos quanto ao processo de formulação deste e seu uso, dentre outros, foi criado por Faulstich (2012) e esse termo aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Costa (2012). Em seus estudos, a autora explica que a expressão sinal, ou sinais, não faz parte dos termos científicos ou técnicos no significado do contexto das linguagens de especialidade. Ademais, a expressão sinal serve para referenciar os significados usados no vocabulário comum da LSB.

[...] a expressão sinal-termo é a que corresponde às necessidades de uso especializado. Para melhor compreender a criação desse termo novo, é preciso ver os significados separadamente, como aparecem no *glossário sistêmico de léxico terminológico*, em elaboração, transcrito a seguir: **Sinal**. 1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Nota: a forma plural – sinais – é a que aparece na composição língua de sinais. **Termo**. Palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas especializadas do conhecimento e do saber. Também chamado *unidade terminológica*. (FAULSTICH, 2014).

Assim sendo, podemos entender o que é sinal-termo segundo Faulstich (2014):

**Sinal-termo**. 1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. (FAULSTICH, 2014).

À visto disso, é possível encontrar mais de uma forma de se executar sinais alusivos a um mesmo termo. A título de exemplo, apresentamos na figura a seguir (Figura 1), duas formas distintas de sinalização do termo CORAÇÃO: a primeira mostra o sinal usado para designar significados no léxico comum da LSB – amor, romantismo; na segunda, o sinal-termo representa um conceito da linguagem especializada que, no caso, refere-se à parte do corpo humano. Em suma, um sinal-termo pode ser usado, como vimos, dentro do contexto acadêmico na área de Ciências e Medicina, por exemplo.



**Figura 1** – Proposta de modelo da Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil: Enciclolibras (o corpo humano)  
 Fonte: COSTA, (2012)

É preciso salientar que o aspecto visual é muito importante na língua de sinais, contudo, esta particularidade não deve ser entendida como a simples iconicidade dos objetos. Afinal, o dinamismo dessa língua não deriva apenas da presença ou ausência desses objetos, mas também do pensamento abstrato, de ideias, entre outros. Nesse contexto, os sinais-termo também são fundamentais para a organização do pensamento dos usuários de LS, pois o seu aspecto visual aperfeiçoado e o tratamento criterioso dado aos conceitos facilitam o entendimento, inclusive das abstrações.

Ao compreender um pouco mais o processo de elaboração de conceitos em uma língua visuoespacial, torna-se mais fácil associar a ideia de que a organização do sinal-termo decorre do que é significado na mente dos Surdos, bem como do que funciona efetivamente em língua de sinais.

Segundo Costa (2016), um grande número de sinais criados no passado não foi concebido a partir de uma base conceitual significativa, consequentemente, muitos desses sinais são vazios e derivados apenas de imagens ou cópias de imagens feitas com configurações de mãos. Em vez disso, eles deveriam ser produto de um pensamento reflexivo sobre o léxico no universo das coisas –

concretas e abstratas – existentes no mundo. Em geral, para o indivíduo Surdo, o conceito é a base da sua construção mental e, no caso dos sinais-antigos<sup>3</sup>, tradicionais ou combinados em grupos (nesse último exemplo, em especial, os intérpretes eram os que criavam os sinais), nem sempre apresentavam um conceito visual sistematizado do léxico no mundo científico.

Os sinais combinados e apoiados em imagens muitas vezes não possuem traços da LSB, mas sim do português como fonte de conceito e base de criação do sinal ou do sinal-termo. No caso de sinais-termo, além de um fator histórico de mudança, há também o fator conceitual. No meio científico, o estudo parte da premissa do pensamento, bem como do processo de criação de sinais que, possivelmente, têm a gênese na compreensão do conceito entre as inúmeras possibilidades da língua oral.

Como vimos, conceitos advindos essencialmente de objetos podem ser vazios em significação e causar dificuldade de compreensão como ocorre com os sinais criados pela imagem. Por outro lado, a adequada estruturação de sinais-termo, baseada em conceitos e sem a interferência do português escrito, resulta em significados e significantes com base visual. Essas reflexões são exemplificadas nas análises das discussões sobre temas comuns do dia a dia ou nos assuntos de léxico especializado que estão inseridos no contexto social.

## **2. Criação de sinais-termo: regras que compõem o sinal-termo**

A língua de sinais é constituída por elementos lexicais que, no discurso específico, denominamos sinais-termo. Na Terminologia, a língua é percebida como um ramo da Linguística responsável pela ampliação do léxico. Vale ressaltar que o processo de formação do sinal-termo tem grande significância para os usuários de LS, pois também são processos naturais das línguas visuoespaciais quando o foco da comunicação permeia o âmbito da Ciência e da Tecnologia.

Prometi (2013) registra em seus estudos que a falta de vocabulário em LSB dificulta a aquisição de conceitos científicos e técnicos por parte dos Surdos, assim como a compreensão de conteúdos abordados em sala de aula. A fim de superar as adversidades, grande parte desses Surdos cria sinais-termo dentro da própria sala de aula, juntamente com os intérpretes que ali trabalham. No en-

<sup>3</sup> Termo criado por Costa (2016) para marcar os sinais criados na base de uso da língua de sinais quando esta ainda não era reconhecida. Representam os primeiros sinais usados em grupos distintos de Surdos.

tanto, esses sinais–termo não são validados, tampouco disseminados, e isso causa um grande problema no contato linguístico entre pessoas que se comunicam em LSB. A respeito disso, Castro Júnior (2011) também aponta a ocorrência da criação de diferentes tipos de sinais–termo relacionados a um mesmo conceito e termos nos espaços educacionais onde os Surdos estão inseridos.

Para serem reconhecidos oficialmente, os sinais–termo precisam ser elaborados em uma sala de aula específica e validados junto a Surdos pesquisadores especialistas em Léxico e Terminologia – linguistas – ou grupos sociais que tenham estes personagens em seus meios e contextos. Caso isso ocorra, o sinal–termo criado é reconhecido pelo ambiente acadêmico e, conseqüentemente, se torna um sinal–termo padrão.

Costumeiramente, a criação de sinais–termo é verificada em trabalhos concernentes aos campos do Léxico e da Terminologia que objetivam tornar acessível a linguagem especializada segundo parâmetros fonológicos e morfosintáticos adequados à estrutura de línguas de sinais. Tuxi (2017, p. 51) constata que o “processo de criação dos sinais, assim como dos sinais–termo, é ainda uma área do conhecimento científico com poucas pesquisas realizadas e publicadas, por isso constitui um campo aberto para análise futura”.

Ao versar sobre este tema, Nascimento (2016, p. 27) explica que “para compreender como os sinais–termo são criados, antes é preciso identificar os elementos constitutivos dos sinais, os mecanismos de criação e outros fenômenos presentes na criação dos sinais”. Isto posto, os sinais–termo, assim como os sinais do léxico comum, são formados a partir da combinação do movimento das mãos e seu respectivo formato em um determinado lugar. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e, por vezes, aos morfemas, são chamadas de parâmetros. Por fim, a combinação desses parâmetros resulta no sinal (FERREIRA-BRITO, 1995). Falar com as mãos é, portanto, usar a estrutura da língua visuoespacial – entre eles, os sinais do léxico comum e os sinais–termo – para formar frases em determinados contextos.

Na fonologia da LSB, encontramos os seguintes parâmetros que formam os sinais–termo: configuração de mãos (CMs), ponto de articulação (PA), movimento (M), expressões não manuais (ENM) e orientação da palma (Or). Segundo Brito (1995, p. 36), a estrutura da LSB é constituída a partir de parâmetros primários e secundários que se combinam de maneira sequencial ou



simultânea. Em adição a este conhecimento, Nascimento (2016) pormenoriza cada parâmetro:

**CMs** são formatos adquiridos pelas mãos na produção dos sinais, que podem ser realizados com uma ou duas mãos. Esse parâmetro tem grande importância na formação de classificadores e pode guardar informações semânticas essenciais na criação de uma nova unidade lexical e terminológica.

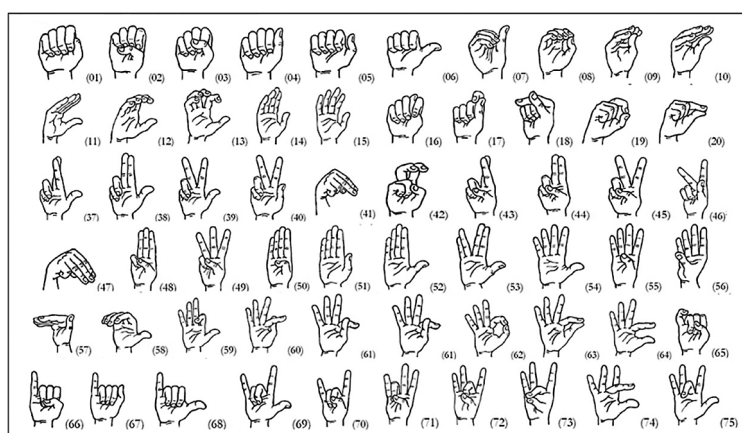
**PA** é o local onde ocorre a produção dos sinais, que pode estar localizado próximo ou em contato com alguma(s) parte(s) do corpo. Não existe sinal sem ponto de articulação.

**M** são de diversos tipos com direções, intensidade e frequência variadas. Mais de um tipo de movimento pode ser realizado simultaneamente na produção do sinal.

**Or** é a disposição da palma da mão, que pode ser para cima, para baixo, para frente, para trás, para contralateral (para medial) ou para ipsilateral (para lateral). Faria-Nascimento (2013, p. 85 apud Nascimento, 2016, p. 24) lembra que a Or em LSB pode carregar significados culturalmente partilhados que influenciam na criação de novos sinais, como a Or para cima, que agrega o significado de bom, positivo e de aceitação e a Or para baixo, que nos remete a ruim, negativo e de rejeição.

**ENM** são expressões faciais e corporais (NASCIMENTO, 2016, p. 23-24).

Como visto, a fonologia pode criar estruturas conceituais de organização dos conceitos e formar sinais-termo como um item lexical, respeitando, deste modo, a gramática e suas estruturas em Língua de Sinais Brasileira. Ademais, a configuração de mãos contribui para se identificar o conceito dentro do sinal-termo em LSB. Eis, a seguir (Figura 2), a visualização de uma porção das CMs.



**Figura 2** – Tabela de 75 CMs

Fonte: Faria-Nascimento (2009)

Apesar de, atualmente, já ser possível encontrar um número considerável de CMs catalogadas, entendemos que outras tantas CMs emergentes ainda são passíveis de registro formal mediante a criação de novos sinais-termo.

Outro componente da estrutura da LSB é a morfologia. Ela é a responsável pela conformação do sinal-termo em LSB – derivação e composição – durante seu processo criativo, por meio da associação de diferentes elementos linguísticos. Para isso, nessa combinação, é preciso identificar o morfema-base que fundamenta a criação do sinal-termo.

A despeito disso, Faria-Nascimento (2009) explica que antes de o morfema-base indicar o novo significado do sinal-termo, é necessário observar o fonema e a escolha da configuração de mãos detalhadamente. A autora ainda apresenta, de uma forma sistemática, diversos processos de criação terminológica na LSB, tais como o uso de base-presa, base-livre ou morfemas-base. Em LSB, a estrutura BASE equivale ao morfema-base, à base-presa ou a radicais e é constituída por CM, Or e PA (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 97).

Oliveira (2015), por sua vez, propõe que o processo de formação entre composição e derivação, o qual denominou de “aglomeração”, define a formação de sinais na LSB e se relaciona com os formadores fonológicos, cujas regras de classificação admitem as formações a partir da constituição de outros sinais e itens articulados com duas mãos, de modo que as CMs de cada uma sejam diferentes e ambas atuantes.

Outra importante área da gramática da LSB é a combinação do sinal-termo em contextos frasais – isto é, a sintaxe –, visto que a maioria dos sinais existentes não é aplicada satisfatoriamente em enunciados da língua. Alguns estudos como os de Supalla e Newport (1978), Quadros e Karnopp (2004) e Pizzio (2011) comprovam que a distinção categórica para a execução de nomes e verbos na língua de sinais contrasta estas classes linguísticas, facilitando, assim, a identificação dos sinais – para nomes, não há movimentos, enquanto que os verbos os possuem dentro do seu sinal-termo.

Na semântica da LSB, este processo é essencial e indispensável dentro do contexto de criação dos sinais-termo, uma vez que é preciso analisá-los e compará-los com um sinal comum, a fim de se evitar a ambiguidade dentro do seu contexto. Alguns termos do português podem dispor de mais de um significado ou sentido. Quando esta possibilidade é constatada, imprecisões de

significação são capazes de atrapalhar o contexto na hora de se elaborar a sinalização do sinal-termo.

Faulstich (2016) menciona que o termo faz parte de vocabulários de uso restrito, visto que ele exige uma semântica lexicalizada que se efetue, normalmente, na definição.

Ademais, ao apresentar combinação específica no contexto discursivo, o termo ganha sentido na textualidade da semântica lexical e, por isso, requer que o conceito seja exaustivo até o ponto de formular a definição de “o que é” aquilo e, muitas vezes, de elucidar “para que serve” (FAULSTICH, 2014).

Em muitas circunstâncias do cotidiano dos Surdos, é possível constatar que a maioria deles não compreende termos específicos em português, dada a falta de sinais-termo apropriados para estas questões semânticas. Sobre este aspecto, Faulstich (2016) reitera:

No entanto, é preciso observar que essa escrita especializada serve aos conhecimentos de quem domina línguas orais. Nesse caso, os falantes de línguas de sinais têm algumas dificuldades de compreensão pelas razões seguintes: têm pouco ou nenhum domínio de línguas orais; têm reduzida compreensão da língua escrita por ser-lhe uma segunda língua, e essa reduzida compreensão da L2 situa-se no âmbito do vocabulário, primordialmente, científico e técnico por não saberem “o que é” a coisa referida ou “para que serve”; a tradução de conteúdos de uma língua oral (LO) para uma língua de sinais (LS) se reveste de um afastamento literal entre a LS e a LO por causa da diferença estrutural entre essas línguas, do tempo de fala que uma e outra requer, do conhecimento empírico que os profissionais detêm das duas línguas. A percepção gramatical de uma língua em relação a outra requer domínio de, pelo menos, duas gramáticas e de léxicos comuns e especializados em todos os campos do saber. (FAULSTICH, 2016, p. 3).

No português e na LSB há um distanciamento conceitual. Quanto a esta expressão, Faulstich (2016, p. 4) explica que “no português, a homonímia se resolve no contexto, mas na LSB não”. Em seguida, a autora conclui que “a frase do português é favorecida pelo contexto e pelo cotexto, enquanto na LSB essa operação se torna mais difícil pelo fato de a intenção discursiva passar por duas etapas simultâneas, a da tradução e a da interpretação”. Sobre o contexto e o cotexto, Faulstich (2016) explica que:

O contexto é a parte de um texto ou de um enunciado em que está inserida uma unidade lexical e que contribui para de-

terminar o significado dessa unidade. A função é servir de prova textual ao fornecer informação sobre os traços semânticos de um conceito ou sobre o uso de um termo. O contexto cerceia o significado e denuncia se um sinal para um determinado termo na LSB é coerente com o conceito a ser depreendido (FAULSTICH, 2016, p. 4).

Assim, entendemos que na LSB há uma diferença entre o sinal e o sinal-termo dentro do seu contexto semântico de uso. Por isso, é importante que o lexicógrafo e o terminógrafo separem esses dois termos tal como é feito no uso do léxico comum e no do léxico de especialidade. A língua materna da maioria dos Surdos, L1, é a LSB e é por meio dela que os Surdos conseguem compreender melhor os conceitos em seu aprendizado cotidiano. Em casos de apreensão de conteúdo especializado em língua portuguesa, há a possibilidade de se deparar com palavras difíceis de se compreender, em especial quando não existe o sinal-termo respectivo. Em razão disso, os Surdos não se sentem familiarizados e confiantes para usar glossários e dicionários comuns, pois a maioria das palavras contém ambiguidades lexicais em português e isso confunde e atrapalha o aprendizado de quem recorre a uma L2 para aprender o mesmo conteúdo em sua L1.

### **3. Processo de formação de sinais-termo dentro do contexto acadêmico**

Na criação de sinais-termo, é necessária, além da plena execução do processo em si, a aprovação desses por um colegiado especializado. A primeira etapa – coleta dos termos em português das áreas de especialidade – compreende os conceitos terminológicos que aparecem na descrição do conhecimento científico em geral. Para este artigo, escolhemos Uva, termo encontrado na área de Nutrição ou Gastronomia; Pauta, na área de Música; Coração, na área de Ciências ou Medicina; e Independência do Brasil, na área de História. Também apresentaremos exemplos para cada um deles, sua respectiva explicação científica e sugestão de sinalização da linguagem especializada.

Na segunda etapa – análise das estruturas gramaticais de cada sinal-termo coletado – são contrastados os dois sinais: o do léxico comum e o da área de especialidade. Neste momento, observam-se falhas no léxico comum, em especial, por não serem identificados nele mesmo seus respectivos conceitos.

Não dizemos, com isso, que o sinal é errado, mas sim incompleto no aspecto conceitual.

No sinal UVA do léxico comum, a ação indica a mesma representação do sinal CHUPAR UVA (CHUPAR + UVA), como indicado na Figura 3. Ou seja, neste conceito, a fruta não é isoladamente apresentada, ao contrário, é combinada com o verbo referente ao que se faz com ela.



**Figura 3** – Verbo chupar uva

Fonte: Costa (2016)

A análise do sinal-termo UVA (Figura 4), por sua vez, nos permite perceber uma maior abrangência de seu significado, tais como: FOLHA, GALHO, TALO, UVAS, CAULE e SEMENTE. Neste exemplo, observamos duas CMs iniciais diferentes. Na CM da mão direita, temos a CM (54)<sup>4</sup> alusiva ao sinal FOLHA que está apoiada em cima da CM (31), representante do sinal GALHO e CAULE. Em seguida, verifica-se o movimento (M) reto para baixo, o qual termina com a CM (09), que representa o sinal CACHO DE UVA.

Na análise morfológica do sinal-termo UVA, CM (09), analisamos que este morfema-base é uma base-presença, conseqüentemente esse sinal-termo é um sinal derivado.

<sup>4</sup> Ver ilustração de CMs de Faria-Nascimento (2009) na Figura 2.



**Figura 4** – Sinal-termo UVA

Fonte: Costa (2016)

Isto posto, como elucidação do conceito apresentado na Figura 3, apresentamos o seguinte exemplo: i) Eu **chupei uva** e deixei as sementes na mesa. Igualmente, para o contexto da Figura 4, ilustramos sua significação com as frases: i) Eu vou comprar **uva**, depois vou lavá-la e limpá-la. Em seguida, irei tirar as folhas da uva e jogá-las no lixo; ii) Chupei todas as uvas e sobrou apenas o talo, por isso, joguei o talo no lixo.

Percebemos que os sinais supracitados são originalmente distintos: o sinal-termo provém de um contexto de aprendizagem tipicamente de primeira língua (LSB), enquanto que o outro termo advém de um contexto em que o português, segunda língua para os Surdos, influencia primariamente a composição. É por isso também que, nessa última menção, foi impossível utilizar o sinal-termo em diferentes contextos de frases. Eis então uma reflexão sobre a importância e a necessidade de se pesquisar e analisar o conceito científico de cada termo dentro da morfossintaxe da LSB.

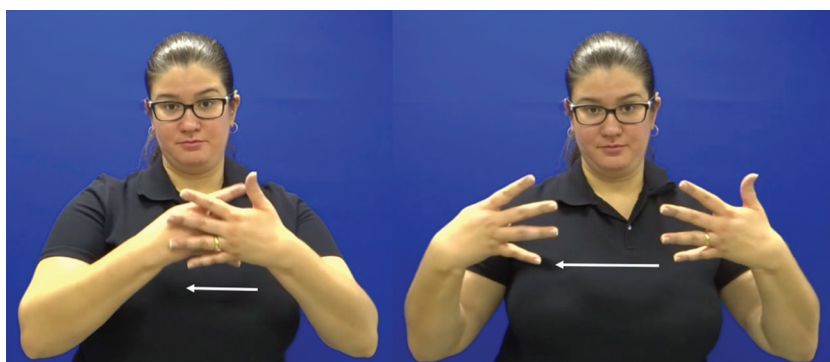
No exame do próximo sinal-termo, PAUTA, percebemos a composição visual de cinco linhas e quatro espaços realizada pela sinalizante (Figura 5). Esse sinal é trabalhado de acordo com a análise fonológica do seu significado. Com isso, temos duas CMs iniciais diferentes: na CM da mão esquerda, identificamos a CM (54) e na mão direita, a CM (55) fazendo o movimento (M) reto da esquerda para direita. Na análise morfológica desse mesmo termo, por sua vez, verificamos que o morfema-base da CM (54) é uma base-presença. Ademais, esse sinal-termo é derivado, pois sua base pode gerar sinais diversos com outros significados.

Dentro do contexto semântico, existem vários significados para o termo PAUTA. O Dicionário Online de Português<sup>5</sup>, por exemplo, apresenta al-

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pauta/>>.

guns deles, a saber: 1) Relação; listagem de coisas; enumeração minuciosa de ideias; série de nomes de pessoas – a pauta dos participantes. 2) [Por Extensão] Relação dos assuntos a serem discutidos numa reunião. 3) [Jornalismo] Roteiro que contém os assuntos mais importantes a serem incluídos na edição de um jornal, de uma revista, de um programa de rádio ou de televisão. 4) [Música] Pentagrama; as linhas paralelas em que ficam escritas as notas musicais. 5) [Economia] A série de cotações demonstrada pelas bolsas de valores. 6) Conjunto das linhas horizontais e paralelas que são impressas numa folha de papel para nortear a escrita; essas linhas individualmente. 7) [Jurídico] A lista dos processos que devem ser analisados e julgados por um tribunal. 8) [Jurídico] Tarifa paga na alfândega pela entrada e pela saída de produtos. 9) Em pauta; sobre o que se está sendo demonstrado, falado, explicado; o que está sendo discutido – assuntos em pauta.

À vista disso, precisamos estar atentos aos múltiplos significados que uma única palavra possa ter. Não é adequado, por exemplo, sinalizar para os Surdos que estudam música o sinal PAUTA fora do contexto da área específica – o conceito é totalmente diferente e pode prejudicar os Surdos na prática escrita de uma forma bilíngue. Prometi (2013), na sua dissertação de mestrado, criou o sinal-termo PAUTA, como um conjunto de cinco linhas e quatro espaços, em alusão à área de especialidade da Música (Figura 5):



**Figura 5** – Sinal-termo PAUTA para área da Música

Fonte: Prometi (2013)

Para o contexto da Figura 5, ilustramos sua significação com a frase: i) Sem a **pauta**, não existe partitura; ii) A **pauta** é um guia visual quando se trata de leitura musical.

A mesma dificuldade ocorre com o sinal-termo CORAÇÃO da área de Ciência ou Medicina. O sinal-antigo de CORAÇÃO (imagem B da Figura 6) tem bases diferentes, dependendo do contexto. Desse modo, somente é possível reconhecer o conceito almejado na execução do discurso, ou seja, o sinal por si só não apresenta elementos suficientes para cobrir os sentidos com clareza.

Ao analisamos o sinal-termo CORAÇÃO, verificamos duas CMs iniciais iguais, são elas: CM (58), entrelaçada na altura do peito do lado esquerdo, palmas votadas para o corpo, abrindo e fechando, com expressão facial inflando várias vezes as bochechas no ritmo do abrir e fechar das mãos. No lugar do ponto de articulação (PA), lado esquerdo do peito, a execução de CORAÇÃO mostra onde os sinais têm movimentos diferentes: um lembra a anatomia do coração humano, o outro a forma abstrata do coração enquanto símbolo alusivo às sensações, emoções e sentimentos e o último, o ato de pular do coração – a pulsação cardíaca (imagens A, B e C da Figura 6).

Na análise morfológica de CORAÇÃO, identificamos o morfema-base da CM (58) como de base-presença, logo, este sinal-termo é derivado. Veremos, a seguir, a sua compreensão semântica com exemplificação de diferentes possibilidades de contextualização sintática:

A. Sinal-termo CORAÇÃO	B. Sinal CORAÇÃO (sentimento)	C. Verbo BATIMENTO DO CORAÇÃO
		

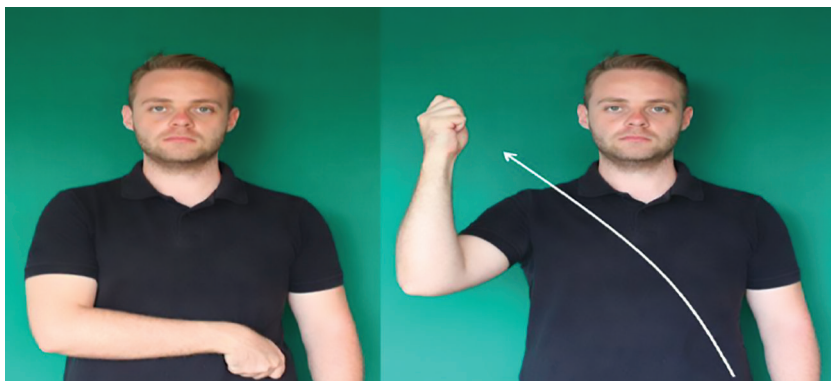
**Figura 6** – Exemplos do termo CORAÇÃO para a LSB  
Fonte: Costa (2012)



Como forma de exemplificação da Figura 6, temos: i) Porque eu levei um susto, o meu **coração** está doendo. Acho que vou sofrer de infarto (imagem A); ii) Estou com **dor no coração**. Vou para o hospital (imagem B); iii) Estou correndo e o meu **coração bate bem forte** (imagem C).

Outro exemplo de sinal-termo que desejamos apresentar é o da área de História. O léxico comum para INDEPENDÊNCIA DO BRASIL é motivado substancialmente por questões estéticas e/ou imagéticas, diferente da iconicidade cognitiva, visto que, o signo interpretante produzido na mente é estruturado a partir da construção de conceitos adquiridos no ensino da História do Brasil. Por isso, são assimilados no nível mental da língua, ou seja, dos conhecimentos linguísticos adquiridos ao longo do tempo mediante também uma assimilação cultural. Em suma, tal objeto consiste em formas manuais simbólicas que representam a finalidade ou um momento crucial do processo da independência do nosso país (FELTEN, 2016, p. 33).

O léxico comum do sinal INDEPENDÊNCIA DO BRASIL é usado em conversas do dia-a-dia na comunicação dos Surdos. Além disso, representa também o próprio feriado e a comemoração da data do marco histórico nacional (Figura 7).



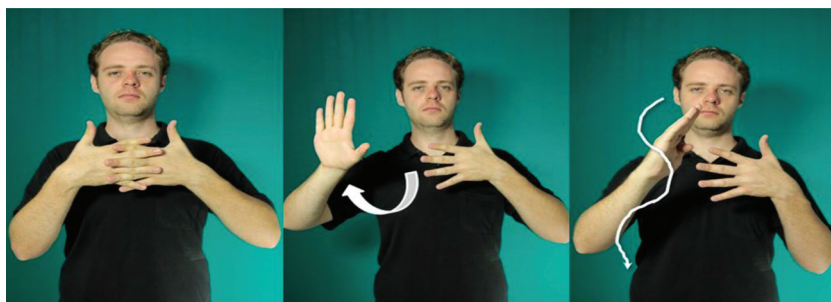
**Figura 7** – Sinal do léxico comum INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Fonte: Felten (2016)

Na análise do sinal-termo INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (Figura 8), identificamos duas CMs iniciais iguais: CM (54) na altura do meio peito, que

representa a ligação e a correlação entre Portugal e Brasil, a CM (54) da mão esquerda parada e a CM (54) da mão direita fazendo um movimento semicircular para cima, o que indica a construção do sinal de ruptura em que os dois países se distanciam. Por fim, a CM (50) completa o movimento sinuoso para baixo representando o sinal do Brasil.

Morfologicamente, o sinal-termo em questão possui um morfema-base da CM (54) – base-presença –, e uma referência ao processo de formação por derivação.



**Figura 8** – Sinal-termo INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Fonte: Felten (2016)

Para o contexto da Figura 8, ilustramos sua significação com a frase: i) **A Independência do Brasil** ocorreu em 7 de setembro de 1822; ii) **A Independência do Brasil** é um marco na vida desta nação, pois, com ela, o povo se livrou da dominação.

Os sinais-termo supracitados possuem em comum conceitos e significados condizentes com os parâmetros desejados em produções científicas. Nesta pormenorização, observamos também que um mesmo sinal pode apresentar variações fonológicas, morfossintáticas e semânticas. Por isso, pesquisar conceitos científicos durante o desenvolvimento dos sinais-termo é uma ação indispensável, entre tantas. Assim, diferentes termos podem ser mais facilmente utilizados a partir de uma adequada assimilação da linguagem predominante no português, segunda língua para os Surdos.

## Conclusão

Este artigo teve como objetivo apresentar o processo de criação dos sinais-termo das áreas de especialidade a partir da caracterização do conceito

– etapa inicial – em certas áreas do ambiente acadêmico: Música, Nutrição, Gastronomia, Ciências, Medicina e História.

Demonstramos que a LSB, primeira língua da comunidade surda, é qualificada como uma modalidade visual e espacial – em decorrência disso, percebe e entende os conceitos existentes no mundo de maneira diferenciada, ou seja, não só a imagem é importante, mas também as referências visuais que possuem equivalências contextuais com o mundo real.

A criação de sinais comuns e de sinais-termo difere quanto aos aspectos de caracterização dos conceitos e de contexto de uso. Na análise apresentada, foi possível depreender que os conceitos de sinal-termo também agregam em sua base constitutiva a contextualização da linguagem de especialidade no âmbito fonético, morfossintático e semântico.

Diante de tantas adaptações e aperfeiçoamentos vividos pela comunidade surda ao longo do tempo, constatamos que os sinais-termo não são tão representativos na rotina comunicativa dos Surdos. Os sinais-antigos ainda são bastante usuais dentro de ambientes acadêmicos, por conseguinte, os sinais do léxico comum acabam se sobrepondo aos sinais-termo já existentes.

Os sinais-termo são criados por Surdos e não-surdos formados na área lexical e terminológica da língua de sinais, visto que é indispensável neste processo o conhecimento das regras de elaboração dos sinais-termo, bem como de todas as suas especificidades de composição.

Para a criação de sinais-termo, é fundamental a realização de pesquisas aprofundadas, uma vez que são detalhadamente estudados e considerados os parâmetros da estrutura gramatical da LSB – CM, Or, PA, M e ENM. Aliado a esta análise, deve-se trabalhar os aspectos alusivos ao morfema-base, pois, com isso, se torna possível identificar os sinais-termo como derivados ou compostos, mediante definição prévia das suas bases – presa ou livre.

Cientes de que a criação dos sinais-termo é uma tarefa árdua que envolve muitos cuidados relativos ao tratamento de informações que se deseja transmitir, compreendemos que a nossa pesquisa não termina nesta etapa. Ao contrário, temos ainda muito conhecimento a produzir em favor da satisfação de anseios e expectativas dos Surdos, bem como da ampliação investigativa tão necessária dentro da comunidade científica.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, n. 79, p. 23-25, abr. 2002.
- \_\_\_\_\_. Decreto Federal no 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 2005.
- CASTRO JÚNIOR, G. de. *Varição linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico*. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.
- COSTA, M. R. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil*: Enciclobras – o corpo humano. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.
- \_\_\_\_\_. *Representação conceitual na criação de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira – LSB*. In: V CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 2016, Florianópolis.
- FAULSTICH, E. Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia. Panorama actual de la terminologia, *Granada*, v. 7, p. 65-91. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Sinal-Termo*. Nota lexical. Centro Lexterm, 2014.
- \_\_\_\_\_. Características conceituais que distinguem “o que é” de “para que serve” nas definições de terminologias científica e técnica. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, v. VII, p. 377- 393. 2014.
- \_\_\_\_\_. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na língua de sinais brasileira. *Léxico e suas Interfaces: descrição, reflexão e ensino*. Araraquara: 1ª ed. 2016.
- \_\_\_\_\_. Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande, v. VIII, p. 13. 2016.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica*. 2009, 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade de Brasília, Brasília.
- FELTEN, E. F. *Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história*. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Babel, 1995.
- NASCIMENTO, C. B. do. *Empréstimo linguístico do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: línguas em contato*. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.
- QUADROS, R. M. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2004.
- BARRAL, J.; PINTO-SILVA, F. E. e RUMJANEK, V. M. Comunicando Ciência com as mãos. *Ciência Hoje*. v. 50, p. 26-31, set., 2012.

OLIVEIRA, J. S. de. *Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras*. 2015. 425 f. Tese (Doutorado em Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PIZZIO, A. L. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PROMETI, D. *Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música*. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

QUADROS; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TUXI, P. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues – língua brasileira de sinais e língua portuguesa. *Caderno de Tradução*. Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 557-588, jul-dez, 2015.

SUPALLA, T; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.). *Understanding language*, 1978.

